



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO E LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

MARIA ALICE CARVALHO DE SOUSA

**ENSINO DE SOCIOLOGIA E PROPOSTA PEDAGÓGICA: CONCEITOS DE RAÇA
E RACISMO**

**CAMPINA GRANDE
2024**

MARIA ALICE CARVALHO DE SOUSA

**ENSINO DE SOCIOLOGIA E PROPOSTA PEDAGÓGICA: CONCEITOS DE RAÇA
E RACISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª Ms. Silvânia Karla de Farias Lima.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725e Sousa, Maria Alice Carvalho de.

Ensino de sociologia e proposta pedagógica [manuscrito] : conceitos de raça e racismo / Maria Alice Carvalho de Sousa. - 2024.

31 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Ma. Silvânia Karla de Farias Lima, COORDENAÇÃO DO CURSO DE SOCIOLOGIA - CEDUC. "

1. Ensino de sociologia. 2. Intervenção pedagógica. 3. Pedagogia histórico-crítica. 4. Conceito de raça. 5. Conceito de racismo. I. Título

21. ed. CDD 301

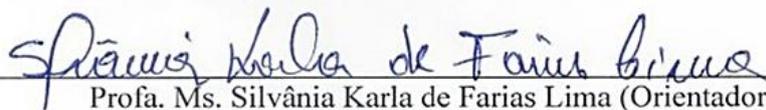
MARIA ALICE CARVALHO DE SOUSA

**ENSINO DE SOCIOLOGIA E PROPOSTA PEDAGÓGICA: CONCEITOS DE RAÇA
E RACISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Sociologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Sociologia.

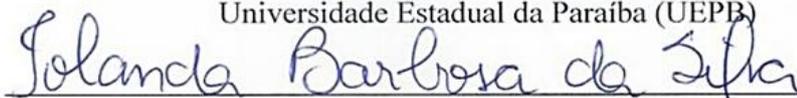
Aprovada em: 19/06/2024.

BANCA EXAMINADORA



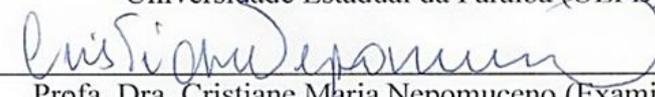
Prof. Ms. Silvânia Karla de Farias Lima (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Iolanda Barbosa da Silva (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus filhos e netos, mais como incentivo à continuidade do aprendizado ao longo da vida, e pelo apoio que me deram para esta jornada, DEDICO.

A todos(as) os(as) meus(minhas) professores(as) do curso, em especial, ao Prof. Eduardo Jorge, por terem me transmitido todo o prazer de estudar Sociologia, AGRADEÇO.

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento [...] é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, **o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ele interpretado.** (Karl Marx, 2002, p. 28-29).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - População Parda e Negra.....	18
Figura 1 - Modelo Jornal Artesanal.....	24
Figura 2 - Aposição dos jornais.....	25
Figura 3 - Jornaizinhos no varal.....	25
Figura 4 - Produto final no pátio.....	27
Figura 5 - Produto final no pátio.....	27
Figura 6 - Produto final.....	27
Figura 7 - Produto final.....	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	10
2.1	Pesquisa de intervenção e Estágio prático.....	10
2.2	Pedagogia Histórico-Crítica e Metodologias Ativas no processo educativo	12
2.3	Raça e Racismo.....	14
2.3.1	<i>Origem do Conceito de Raça, Racismo e Racismo Científico.....</i>	14
2.3.2	<i>Racismo no Brasil.....</i>	15
2.3.3	<i>Preconceito racial no Brasil.....</i>	16
2.3.4	<i>Teóricos do Brasil e sua produção antirracista.....</i>	17
2.3.5	<i>Ações Afirmativas.....</i>	18
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
4	CONTEXTUALIZANDO A EEEFM MURILO BRAGA, SEU PPP E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	20
4.1	A Escola objeto da Intervenção Pedagógica.....	20
4.1.1	<i>Caracterização da EEEFM Murilo Braga.....</i>	20
4.1.2	<i>Dados gerais.....</i>	20
4.1.3	<i>Estrutura da Escola.....</i>	20
4.1.4	<i>O Projeto Político Pedagógico – PPP.....</i>	21
4.2	O Projeto de Intervenção Pedagógica.....	21
4.2.1	<i>Objetivos Geral e Específicos.....</i>	22
4.2.2	<i>Justificativa.....</i>	22
4.2.3	<i>Encontros semanais (Sequência Didática)</i>	22
4.2.4	<i>Resultado dos encontros semanais (Estágio Supervisionado III)</i>	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	30

ENSINO DE SOCIOLOGIA E PROPOSTA PEDAGÓGICA: CONCEITOS DE RAÇA E RACISMO

Maria Alice Carvalho de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo trata de estudo que teve como objeto de pesquisa o Projeto de Intervenção Pedagógica, com tema “Raça, Racismo e Etnia”, aplicado junto à primeira série do Ensino Médio da EEEFM Murilo Braga, em Campina Grande – PB, de modelo regular. Tal intervenção foi realizada como prática do Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Sociologia (UEPB). Nesse cenário, o propósito principal deste trabalho foi identificar quais as estratégias desenvolvidas para atingir o que se pretendia com a referida intervenção, no sentido de alcançar toda a comunidade escolar. Essas estratégias estavam embutidas na descrição de todo o processo e constavam do respectivo relatório, quando foram tomadas decisões e realizados procedimentos que favoreceram alcançar o fim planejado. A metodologia para uma boa prática pedagógica e realização deste artigo passou por uma revisão literária, ao se relacionar formação e práticas inerentes à pedagogia histórico-crítica sob o prisma do materialismo histórico-dialético, como forma de estruturação do pensamento. Destacaram-se as discussões precedidas pelos conhecimentos materiais e simbólicos das diversas formas com que o racismo se apresenta, seguidas por ações inerentes à formação dos estudantes, e práticas pedagógicas adequadas a uma sala de aula com poucos recursos. Os resultados alcançados demonstraram, pelas tarefas realizadas, que o tema e ações antirracistas foram apreendidos pelos estudantes daquela série e os trabalhos foram expostos para toda a escola.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Intervenção Pedagógica. Pedagogia Histórico-crítica. Conceito de Raça. Conceito de Racismo.

ABSTRACT

The present article addresses a study that focused on the Pedagogical Intervention Project with the theme "Race, Racism, and Ethnicity," applied to the first year of high school at EEEFM Murilo Braga in Campina Grande – PB, following a regular model. This intervention was conducted as part of the Supervised Internship III in the Sociology Teaching Degree program (UEPB). In this context, Sure, the main purpose of this work was to identify the strategies developed to achieve the intended goals of the intervention, aiming to reach the entire school community." These strategies were embedded in the description of the entire process and included in the respective report, where decisions were made and procedures were implemented to favor the planned outcome. The methodology for good pedagogical practice and the development of this article involved a literature review, relating training and practices inherent to historical-critical pedagogy from the perspective of historical-dialectical materialism as a way of structuring thought. The discussions highlighted were preceded by material and symbolic knowledge of the various forms in which racism presents itself, followed by actions inherent to students' education and appropriate pedagogical practices for a classroom with limited resources. The results achieved demonstrated, through the tasks performed, that the theme and anti-racist actions were understood by the students of that year, and the work was displayed to the entire school.

Keywords: Sociology Teaching. Pedagogical Intervention. Historical-Critical Pedagogy. Race Concept. Concept of Racism.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

1 INTRODUÇÃO

A escola é o local em que se encontra uma diversidade de indivíduos com suas culturas, promovendo uma troca de diferentes visões de mundo, compartilhando experiências e conhecimentos. Também é, inegavelmente, um lugar de produção de saberes, por isso, constitui um campo de pesquisa e é muito importante que o estagiário em educação sociológica, na prática da formação docente, assuma que é indispensável buscar ferramentas para o pensar certo, e que essas ferramentas não se encontram, todas elas, nos manuais da prática docente, ou na epistemologia referente a técnicas de ensino. Como campo de pesquisa, a sala de aula e a escola, oferecem oportunidades de geração de novos conhecimentos, novas técnicas.

Este trabalho tem por base a reflexão sobre uma experiência na aplicação de Projeto de Intervenção Pedagógica junto à EEEFM (Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio) Murilo Braga, uma escola de ensino regular da cidade de Campina Grande, no período de outubro a novembro/2023, em que o produto final desenvolvido a partir do tema “Raça e Racismo” seria apresentado, inicialmente, no interior de uma sala de aula de 1ª série do Ensino Médio.

O problema da pesquisa, para fins deste artigo, foi identificar quais estratégias seriam utilizadas para que o objetivo da Intervenção Pedagógica pudesse alcançar a comunidade escolar em sua totalidade ou quase isso. Essas estratégias estavam embutidas na descrição de todo o processo, ou seja, na realização da intervenção pedagógica, quando foram tomadas decisões e realizados procedimentos que favoreceram atingir o objetivo final, buscando ultrapassar os obstáculos para o fim pretendido, ou seja, para que o tema alcançasse toda a escola.

O objetivo geral do presente trabalho é demonstrar que as experiências vividas na aplicação de um Projeto de Intervenção Pedagógica no Estágio III do curso de Sociologia, podem se transformar em fonte de pesquisa, através da qual se ativam processos mentais pela mediação de dados concretos, observada a realidade objetiva e evidenciando que a pesquisa do tipo intervenção possibilita que o real possa ser compreendido mediante uso de categorias de análise abstratas, alcançando o “concreto pensado”.

O presente artigo é relevante porque trata da vivência de uma Intervenção Pedagógica sobre um tema muito importante para o ensino de Sociologia - Raça e Racismo. Essa questão permitiu que os estudantes compreendessem a complexidade das relações raciais e a história do racismo, tanto globalmente quanto no próprio país. Ao estudar os diferentes aspectos do racismo, incluindo suas origens históricas, suas manifestações contemporâneas e os movimentos de resistência, eles puderam desenvolver uma compreensão mais profunda das desigualdades sociais e das injustiças que afetam diversos grupos e comunidades, aprenderam sobre a importância da diversidade e sobre o impacto negativo do preconceito e da discriminação, desenvolvendo empatia e respeito pelos outros, justificando-se dar luz a essa experiência no presente trabalho.

A pesquisa começou nos primeiros contatos com a unidade escolar sobre a realização do Estágio III, no segundo semestre de 2023. Para realizar a Intervenção Pedagógica, preferencialmente, a intenção era abranger toda a escola, mas foram encontrados alguns entraves que mostraram a impossibilidade de tal ação, a exemplo da dificuldade de adequação de horários que não prejudicassem as aulas de outros componentes curriculares.

As principais contribuições que deram origem ao presente artigo se manifestaram inicialmente pela determinação da professora titular de Sociologia para que o Estágio III fosse realizado no 4º bimestre, disponibilizando inicialmente 02 (duas) salas de 1ª série do Ensino Médio que, a partir do segundo encontro, reduziu-se a 01 (uma) sala (1ª série A). Nessa turma, o trabalho foi efetivado através do programa estabelecido para as 1ªs séries, referentes ao 4º

bimestre, no qual estava inserido o tema “Raça e Racismo”, em acordo com a gestão da escola, mediante regência de sala de aula no mesmo formato do Estágio II.

A metodologia da pesquisa se deu a partir da junção de alguns dados concretos que contribuíram para a realização da intervenção programada, tais como a temática para o 4º bimestre, o “Dia da Consciência Negra”, em novembro de 2023, e o espaço físico da própria Escola.

A temática para o 4º bimestre envolveu os conceitos de Raça, Etnia e Multiculturalismo, através da ementa “Preconceito, Discriminação e Segregação; Raça, Racismo e Etnia em seus aspectos socioantropológicos; Multiculturalismo, Interculturalismo e Ação Afirmativa” presente na Proposta Curricular 2023 para Sociologia e Plano de Curso da 3ª Gerência Regional de Ensino do Governo do Estado (Paraíba, 2023). A partir desse conteúdo, foi produzida uma Sequência Didática, considerando inicialmente 07 (sete) encontros, com a apresentação de um produto final elaborado pelos estudantes da 1ª série que, no último encontro, seria exposto em sala de aula.

Para a realização dessa intervenção, a proximidade do mês de novembro, com a data de 20 de novembro representando o Dia da Consciência Negra também contribuiu, motivo pelo qual houve a possibilidade de se trabalhar com mais profundidade a questão da Raça e Racismo em todas as suas vertentes, sejam sociológicas, científicas e/ou cotidianas, através dos chamados conhecimentos “clássicos”, seus aspectos teóricos e científicos, e das situações decorrentes das relações sociais do dia a dia, todos debatidos com os estudantes.

Percorrendo a escola e através do relatório do seu Projeto Político Pedagógico - PPP, constatou-se que a área mais acessível a todos, corpo discente e docente, dentre outras da comunidade escolar, era um pátio que faz parte da estrutura física, utilizado como auditório para eventos diversos, além de local de refeições para todos os estudantes dos horários matutino, vespertino e noturno. Nesse caso, já com o estágio em andamento, foi solicitada a autorização para utilizar o referido espaço físico para exposição dos trabalhos e esse foi mais um aspecto positivo da intervenção.

Enquanto iniciava a prática dos primeiros encontros já definidos na Sequência Didática, foi eliminada a sétima semana projetada, considerando a chegada do período de provas, restando 06 (seis) encontros, sendo que o último aconteceu na semana da Consciência Negra.

Esta última fase do período de Estágio, a da Intervenção Pedagógica, exigiu algumas adaptações na Sequência Didática para alinhar ao planejamento da professora preceptora, que preferiu a continuidade dos temas para a primeira série do Ensino Médio através de regência de sala sobre as temáticas correspondentes ao 4º bimestre, dentro do previsto pela alçada competente.

A abordagem da pedagogia histórico-crítica foi de extrema importância porque constituiu recurso de busca dos métodos mais apropriados para se alcançar o objetivo de desenvolver o trabalho pedagógico pela organização de meios, conteúdos, espaço, tempo, procedimentos, técnicas, através dos quais cada indivíduo em sua singularidade, pudesse assimilar a humanidade historicamente construída como sua segunda natureza.

A temática Raça/Racismo foi bastante motivadora, possibilitando o encaixe de algumas atividades dentro do conceito de “metodologia ativa”, durante o período de estágio. Além disso, o referido tema é importante para todos na escola, compondo uma parte do conteúdo para as 1ªs séries do Ensino Médio.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Pesquisa de intervenção e Estágio prático

De acordo com Damiani *et al.* (2013), em geral, as intervenções pedagógicas são consideradas procedimentos técnicos, sem se observar seu valor epistemológico ou de produção de conhecimento. Pelo ponto de vista de pesquisas orientadas pela Teoria Histórico-Crítica, dois princípios epistemológicos que caracterizam as intervenções – o princípio funcional da dupla estimulação e o da ascensão do abstrato ao concreto – justificam a ideia de considerar que essas pesquisas têm possibilidades de produzir conhecimento.

Os sujeitos das pesquisas seriam colocados em situações estruturadas, nas quais havia um problema a ser solucionado, fornecendo-lhes orientações para chegar à solução do problema. A partir da análise do procedimento metodológico, um experimento relativo ao estudo do desenvolvimento da memória arbitrária, no qual solicitava aos sujeitos que “desenhassem coisas que lhes ajudassem a lembrar determinadas informações, ou seja, ensinava-lhes um procedimento (ferramenta ou estímulo auxiliar) para maximizar a resolução de um problema (estímulo externo inicial)” (Damiani *et al.* 2013, p. 61).

Aquele que faz experimentos através de uma intervenção demonstra como se reabilitam processos mentais quanto à memorização, por exemplo, através da mediação de alguma coisa concreta. O segundo princípio epistemológico da pesquisa do tipo intervenção trata da eventualidade de o real, o concreto, ser compreendido fazendo uso de categorias de análise abstratas, o que constitui o método básico do pensamento dialético marxiano.

Nesse método, parte-se da realidade objetiva, tal como se a percebe inicialmente (caótica), e dela se extraem as categorias de análise por meio das quais, posteriormente, volta-se a analisar essa realidade, chegando ao que Marx (1983) denominou concreto pensado – a realidade teoricamente analisada e explicada. [...], o pensamento marxiano considera a abstração como indispensável para se chegar à essência da realidade concreta. (Marx, 1983, p. 218 *apud* Damiani *et. al.*, 2013, p.61).

Os estudos que envolvem intervenção contemplam a importância dos fenômenos históricos em movimento, enquadrando-se nesse contexto de historicidade porque abrangem descrições da forma como o problema encontrado foi sendo discutido, no esforço de se alcançar uma resposta, e a forma de resolver a questão primeira também foi analisada.

O ensino do século XXI traz a necessidade de aprendizagem e utilização de novos métodos de ensino e aprendizagem, novos recursos e motivações, para os docentes, com o fim de aplicação nas salas de aula ou em outros locais que envolvam aprendizagem. A “metodologia ativa” de aprendizagem é o caminho para esse novo conceito no presente século, consistindo em realização de mudanças profundas desde a própria escola, até normas e posturas quanto a suas metodologias de ensino, para permitir que o estudante alcance o protagonismo da ação educativa. Segundo Reis e Reis (2022, p. 50), “[...] dar ao aluno este novo espaço requer dos administradores e dos agentes escolares uma maturidade e uma total compreensão de que realmente os tempos mudaram”.

O Estágio (Sousa, 2023) como forma de se aplicar a prática no sentido de imitar modelos, artesanalmente, forma pela qual se referem alguns autores, de acordo com Lima e Pimenta (2005, p. 8-9), caracteriza uma atuação tradicional em relação à docência e ainda está muito presente nos dias atuais. Essa idealização mostra uma realidade de ensino inalterável, pressupondo também a imutabilidade dos alunos, ou seja, a escola teria a competência de ensinar na forma tradicional, sem levar em conta as transformações sociais e históricas, inclusive aquelas decorrentes da democratização do acesso à escola e das transformações da sociedade, dos valores e dos próprios alunos, sejam crianças, adolescentes ou jovens.

Ao valorizar as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como modelos eficientes, a escola resume seu papel a ensinar; se os alunos não aprendem, o problema é deles, de suas famílias, de sua cultura diversa daquela tradicionalmente valorizada pela escola. A formação do professor, por sua vez, dar-se-á pela observação

e tentativa de reprodução dessa prática modelar; como um aprendiz que aprende o saber acumulado. Essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer, que será bem sucedido quanto mais se aproximar dos modelos que observou (Lima; Pimenta, 2005, p. 8).

Entender a prática de ensino por esse prisma pode traduzir posições dualizadas, como se teoria e prática fossem independentes entre si. Esse aspecto pode trazer prejuízos à educação, principalmente quando se trata de processos de formação profissional.

Nesse sentido, Lima e Pimenta (2005, p. 9) afirmam ainda que “[...] a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática”. Assim, as atividades inerentes ao estágio podem se resumir somente à prática, ao “como fazer”, às técnicas que serão aplicadas em sala de aula, ao treinamento específico de manejo de turma, ou preenchimento de formulários, dentre outros requisitos. Essas atividades não deixam de ser importantes, mas impedem que o processo de ensino seja visualizado em sua totalidade.

Segundo as autoras acima referidas, é permitido se questionar sobre a concepção das habilidades que devem ser implementadas e se elas cabem ao trabalho docente para qualquer grupo ou turma de alunos, considerando que essa forma de agir poderia trazer prejuízos ao processo de ensino. O mais importante é que o professor tenha condições de avaliar em qual momento é mais adequado utilizar esta ou aquela técnica, de acordo com a diversidade de situações em que ocorre o ensino, possibilitando inclusive a criação de novas práticas.

2.2 Pedagogia Histórico-Crítica e Metodologias Ativas no processo educativo

A categoria trabalho, segundo Saviani (2011), divide-se em duas formas distintas, ou seja, trabalho de produção material e trabalho de produção não material, sendo a educação enquadrada na segunda, considerando que o produto não se separa do trabalho de produção, e que “a natureza humana não é dada ao homem mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica” (Saviani, 2011, p. 7), visto que o trabalho de educação é uma ação produtiva, de forma direta e intencional sobre cada indivíduo único e singular, observando uma produção histórica e coletiva da totalidade dos homens, gerando a humanidade desses.

Para alcançar esse resultado, a educação deve iniciar de um ponto referencial como matéria-prima, ou seja, “[...] o saber objetivo produzido historicamente” (Saviani, 2011, p. 7). Esse feito se apresenta desde a origem do homem, com o processo educativo, correspondendo ao próprio ato de viver que foi se diversificando no percurso histórico, até chegar a um patamar institucional, materializado no advento da escola, em primeiro lugar de forma quase insignificante e oriunda de processos educativos mais indeterminados, que se transforma aos poucos no decorrer da história, como principal equipamento para a educação.

Saviani (2011) adianta também que o objetivo da educação tem a ver com duas vertentes. A primeira é identificar elementos da cultura que devem ser assimilados pelos seres humanos para que sejam de fato humanos, diferindo o fundamental do supérfluo, o básico do secundário, o indispensável do acessório, considerando aqui que é importante para a educação a noção de “clássico”, um clássico que não se confunde com o tradicional e também não faz oposição ao moderno e muito menos ao que é atual. O clássico é algo que se estabeleceu como essencial, indispensável.

A segunda vertente vai buscar, descobrir, os métodos mais adequados para se alcançar o objetivo de desenvolver o trabalho pedagógico. Envolve a organização de meios, ou seja, conteúdos, espaço, tempo, procedimentos, técnicas, pelos quais cada indivíduo em sua singularidade, assimile a humanidade historicamente realizada, como sua segunda natureza.

A expressão *pedagogia histórico-crítica* é o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana (Saviani, 2011, p. 76).

O capitalismo na sociedade sempre se apresentou mostrando suas contradições. Nesse sentido, a educação, no contexto de historicidade, deve ser percebida em suas contradições internas relativas à sociedade capitalista na qual se insere, mas, tanto pode significar um recurso de reprodução, como de impulso para a transformação dessa sociedade, que é o mais aspirado. Portanto, a raiz da pedagogia histórico-crítica como conceito pedagógico, decorreu das exigências apresentadas pela prática de educadores na materialidade atual, considerando o grau de ligação entre a pedagogia histórico-crítica e a conjuntura escolar vigente. “O que se chama desenvolvimento histórico não é outra coisa senão o processo através do qual o homem produz a sua existência no tempo” (Saviani, 2011, p. 80-81). Assim, a educação nasce no decorrer desse percurso histórico.

Ao se referir ao termo “currículo”, Saviani (2011) trata das atividades principais que a escola não pode deixar de lado, enquanto outras atividades, como festas, comemorações ou outros eventos, são realizações secundárias que a escola deve desenvolver mas com a visão de que é algo específico, sendo seu sentido extracurricular ou currículo dos “corredores”, visto apenas como forma de valorizar o currículo em sua essencialidade.

No contexto das metodologias ativas, Vieira (2021, p. 42) entende que o estudante exerce um papel ativo ao aprender fazendo e o docente se transforma em mediador, responsabilizando-se pela orientação dada ao estudante. O mediador, portanto, necessita de todo seu saber e conhecimentos práticos para chegar a uma aprendizagem interativa, em que ele é um sujeito que faz uma mediação imprescindível.

Ainda de acordo com Vieira (2021), trabalhar com metodologias ativas de aprendizagem tem o objetivo de oportunizar a criação de questionamentos ou projetos, sendo esta última uma das mais utilizadas, com atividades voltadas para a realidade em que os estudantes são provocados para a reflexão sobre complexidades do cenário real, apresentando propostas de solução e vivenciando situações que necessitam de ação concreta. As metodologias ativas por projetos exigem dos docentes a especificação do raciocínio a seguir, a fim de que o projeto não passe somente de enfoques ligados a informações ou instrumentos imediatos e possa ser aplicado em outras problemáticas.

Entre os novos desafios para a educação, Vieira (2021, p. 45) destaca os quatro pontos basilares para a educação, definidos pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura no século XX, quais sejam: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, que, juntos definem como o ser humano aprende. ‘É o aprender a aprender’. Para tanto, o uso de metodologias ativas torna-se importante nesse contexto”.

Vieira (2021) esclarece que as metodologias ativas tornam o estudante mais autônomo, individual e coletivamente, com competências éticas, políticas e técnicas, que o ajuda a buscar soluções para realidade em que vive e o capacita para alterá-la mediante atitude própria, ao tempo em que transforma a si mesmo pela práxis.

Aqui está um dos benefícios desta busca ativa pelo conhecimento, [...] Vai além dos conteúdos, para desenvolver também habilidades, valores e atitudes que estão imbricados na resolução dos problemas que resolveu. [...] Este não é um processo simples, pois exige flexibilidade e inovação na forma de ver a educação. É preciso desvencilhar-se da educação tradicional para transgredir (Vieira, 2021, p. 51).

Como não é possível escapar do contexto das novas ferramentas digitais, estas, portanto, devem ser utilizadas para aprendizagem de forma que constitua um novo formato de se relacionar com o conhecimento, completa Vieira (2021). As abordagens da tecnologia e a metodologia ativa, inclusive no contexto da educação brasileira, levam em conta que, para a metodologia ativa, o estudante é o cerne do processo de aprendizagem, e a tecnologia é um importante mecanismo para esse fim, sem perder de vista que não somente novas máquinas e equipamentos criados são tecnologias, pois há também aquelas representadas por símbolos e as estruturantes. Isto é, não são apenas máquinas e outros instrumentos tecnológicos inovadores que são tecnologias, existindo a linguagem, a escrita e sistemas de pensamento como tecnologias organizadoras, além das tecnologias físicas representadas por canetas, livros, telefones, computadores, dentre outros, demonstrando seu aspecto social, cultural e educativo e influenciando tanto a sociedade como as escolas. “Desse modo, a tecnologia interfere no cotidiano da Humanidade”. (Vieira, 2021, p. 127).

2.3 Raça e Racismo

2.3.1 Origem do Conceito de Raça, Racismo e Racismo Científico

A origem dos conceitos de “raça” e “racismo” é multifacetada, envolvendo uma interseção complexa de fatores históricos, sociais, econômicos e políticos. Historicamente, o racismo pode ser rastreado até períodos de colonização e escravidão, onde as hierarquias raciais foram estabelecidas para justificar a exploração e a dominação de determinados grupos étnicos. O racismo científico, por sua vez, emergiu no século XVIII, quando ideias pseudocientíficas foram utilizadas para classificar as raças humanas com base em características físicas e supostas diferenças intelectuais e morais.

Durante o Iluminismo, de acordo com o que escreve Vilar (2015), teorias racistas ganharam popularidade, promovendo a ideia de que certas raças eram naturalmente superiores a outras. Cientistas como Johann Blumenbach e Arthur de Gobineau reforçaram esse pensamento através do racismo científico. O racismo científico forneceu uma fachada de legitimidade para a discriminação racial e a subjugação de povos colonizados, influenciando políticas e práticas racistas ao redor do mundo.

Os principais teóricos do racismo científico contribuíram significativamente para a construção e disseminação das ideias racistas que moldaram a história e as relações sociais. Johann Blumenbach, um estudioso alemão do século XVIII, é conhecido por sua teoria das “raças humanas”, que classificava a humanidade em cinco categorias com base em características físicas. Sua obra influenciou fortemente o desenvolvimento do pensamento racial europeu.

Na segunda metade do século XVIII, o médico e naturalista alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), lançou uma das primeiras obras importantes acerca do “racismo científico”, sua tese intitulada *De generis humani varietate nativa* (A variedade nativa da raça humana), publicado em 1775 (Vilar, 2015, p. 3).

Arthur de Gobineau, um pensador francês do século XIX, é amplamente considerado um dos pioneiros do racismo científico moderno. Em sua obra “Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas”, publicada em 1855, ele argumentou que a raça branca ariana era superior a todas as outras, e que a mistura racial levaria à degeneração da humanidade (Vilar, 2015). Suas ideias foram utilizadas para justificar o colonialismo e a dominação europeia sobre outros povos.

Por fim, dentre outros, o trabalho de Francis Galton, um cientista britânico do século XIX, é notável por sua contribuição para o desenvolvimento da eugenia, a ideia de melhorar a

qualidade genética da população por meio da reprodução seletiva. Embora não fosse estritamente um teórico do racismo científico, suas ideias foram instrumentalizadas por defensores do racismo para justificar políticas de esterilização forçada e segregação racial (Vilar, 2015). Esses teóricos, entre outros, deixaram um legado sombrio que ainda reverbera nas ideologias racistas contemporâneas.

No entanto, é importante reconhecer que o racismo não se limita apenas a ideias científicas ultrapassadas, ele persiste como uma força estrutural enraizada nas instituições e nas relações sociais contemporâneas. O colonialismo e o imperialismo deixaram legados duradouros de desigualdade racial, com sistemas políticos, econômicos e sociais que continuam a privilegiar certos grupos em detrimento de outros. Além disso, o racismo é frequentemente perpetuado e reforçado por meio da cultura, da mídia e da educação, vinculando estereótipos prejudiciais e preconceitos arraigados. Faz-se necessário registrar aqui os principais conceitos apresentados e debatidos com os estudantes:

Racismo: teoria que sustenta a superioridade de certas “raças” em relação a outras, preconizando ou não a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas minorias.

Preconceito: conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; julgamento ou opinião formada sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se de um pré-julgamento, isto é, algo já previamente julgado.

Discriminação: separar; distinguir; estabelecer diferenças. A discriminação racial corresponde ao ato de apartar, separar, segregar pessoas consideradas racialmente diferentes, partindo do princípio de que há raças “superiores” e “inferiores” – o que ficou definitivamente comprovado pela ciência que não existem (Costa; Oliveira, 2016, p. 322).

2.3.2 Racismo no Brasil

O racismo no Brasil tem profundas raízes históricas que remontam ao período colonial, quando a escravidão foi instituída como a principal forma de trabalho. Conforme Silva *et al.* (2016), os portugueses, ao chegarem ao território brasileiro, encontraram e subjugarão populações indígenas e, posteriormente, trouxeram milhões de africanos escravizados para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, café e outros setores da economia. Essa exploração sistemática e desumanizante de pessoas com base em sua origem étnica criou as bases para a hierarquia racial que ainda persiste no país.

Durante o período colonial e imperial, o racismo foi enraizado nas estruturas sociais, econômicas e políticas do Brasil, com leis e práticas discriminatórias que perpetuavam a inferiorização das pessoas negras e indígenas. Mesmo após a abolição da escravização em 1888, o racismo continuou a ser uma força dominante na sociedade brasileira, manifestando-se em formas variadas de segregação, marginalização e violência contra as comunidades negras. Nesse contexto, é importante falar da pesquisa do Projeto “Genoma Humano” que afirma “não haver, biologicamente, diferenças raciais entre os humanos. Foi constatado nessa pesquisa que a diferença genética de uma pessoa para a outra é de pouco mais de 0,01%. Isso significa que somos 99,99% idênticos do ponto de vista biológico” (Costa; Oliveira, 2016, p. 322).

A ideologia do “branqueamento” também desempenhou um papel significativo na perpetuação do racismo no Brasil. Durante grande parte do século XX, políticas governamentais e discursos sociais promoveram a miscigenação como um meio de “clarear” a população brasileira e, assim, supostamente, resolver os problemas sociais associados à presença negra. No entanto, essa narrativa apenas reforçou a ideia da superioridade branca e a negação das identidades e culturas negras e indígenas.

Atualmente, o racismo no Brasil persiste em diversas formas, desde as disparidades socioeconômicas entre grupos raciais até a violência policial, os discursos de ódio e as barreiras no acesso à educação, saúde e emprego enfrentadas pela população negra e indígena, sabendo-se que “é do ponto de vista sociológico e histórico que existem diferenças entre negros, brancos e indígenas, mas que, infelizmente, são tratados, de forma desigual e opressiva por aqueles que se consideram superiores” (Costa; Oliveira, 2016).

Embora o país tenha avançado em muitos aspectos, o combate ao racismo requer uma abordagem ampla e contínua, que desafie as estruturas de poder e promova a igualdade racial em todas as esferas da sociedade, considerando que mais de 55% da população brasileira é composta de pretos e pardos, muito embora econômica e socialmente a realidade seja bem diferente.

O conceito de Etnia é uma das formas contemporâneas de analisar o dinamismo da interação entre diversos povos e grupos sociais, que constituem grupamentos de pessoas que partilham culturas diversas, inclusive linguagem e religião, características sociais e culturais aprendidas e não naturais de cada ser humano. Segundo Silva *et al.* (2016, p. 124), “a etnicidade, nesse caso, é a consciência de pertencer a determinada comunidade étnica, construindo uma identificação com grupos sociais específicos em uma dada sociedade”. O termo “raça”, por outro lado, distingue os indivíduos pela origem biológica.

2.3.3 Preconceito racial no Brasil

Em “Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo”, Munanga (2018, p. 1) escreve a respeito da voz interior de boa parte dos brasileiros, que diz “não somos racistas, os racistas são os outros, americanos e sul-africanos brancos”. Ele acrescenta que é esse brado forte e de muito poder, equivalente a uma crença, um dado real, ou até mesmo uma ordem, que torna muito mais difícil fazer com que esses brasileiros admitam que são racistas.

Sobre as novas modalidades com que o preconceito racial se expressa no Brasil, Lima e Pereira (2004, p. 119) afirmam que é:

Necessário analisar o contexto contemporâneo em que se desenvolvem as novas formas dos processos de exclusão social. E este contexto é denominado pela globalização, que deve ser entendida como um conjunto de processos culturais e econômicos independentes entre si mais fortemente relacionados. Assim ao nível cultural o processo de globalização intensifica as relações entre diferentes culturas e etnias, fato que produz uma certa ambiguidade. De um lado cresce o respeito frente a diversidade de valores culturais mas de outro lado emergem fortes pressões para manutenção das identidades e valores culturais regionais.

Seja qual for a variação nas metodologias de análise de como o preconceito é automaticamente ativado, os estudos constatam que, ao se vincular a categoria “negro”, dispara-se o preconceito por conta dos estereótipos negativos já arraigados. Lima e Pereira (2004, p. 45) afirmam que “[...] o processo que subjaz a esse padrão de resultados pode ainda ser mais geral e refletir um viés de favorecimento automático do próprio grupo de pertença”, identificando que o racismo se trata de uma ideologia, cujo discurso procura justificar a discriminação social, embora muitos queiram acreditar que não haja mais hierarquias sociais baseadas em raça ou cor da pele, conforme Lima e Pereira (2004, p. 122).

O Brasil apresenta caráter muito especial quanto à expressão do racismo, porque, apesar da consciência nacional sobre haver um preconceito generalizado, somente 10% admitem ser preconceituosos, observando também que 87% dos brasileiros, apesar de não se reconhecerem com essa característica, indiretamente, demonstram algum grau ou tipo de preconceito. De acordo com Lima e Pereira (2004, p. 129), “A força da norma social antirracista leva as pessoas a evitarem assumir atitudes pessoais preconceituosas, mas essa norma não lhes impede de ver

que no Brasil continua a discriminação de pessoas de cor negra”. É uma contradição que demonstra a peculiaridade do Brasil, sobre ser um país com racismo, mas sem existência de racistas.

2.3.4 Teóricos do Brasil e sua produção antirracista

Os estudos sobre o racismo no Brasil contam com uma gama diversificada de acadêmicos e pesquisadores dedicados a compreender as complexidades das relações raciais no país. Gilberto Freyre é um dos mais influentes, especialmente com sua obra “Casa-Grande & Senzala”, que explorou as dinâmicas das relações raciais na formação da identidade nacional, destacando a miscigenação como um elemento central da cultura brasileira, ou seja, o conceito de “democracia racial”. Para Marques Júnior (2021, p. 74), Freyre entendeu a “miscigenação como resolução da questão racial [...] ao criar a figura do mestiço o Brasil naturalmente resolvesse seu problema racial, pois as barreiras raciais não seriam rígidas [...] e uma convivência harmônica se estabeleceria”.

Outro nome relevante é Florestan Fernandes, sociólogo que realizou pesquisas pioneiras sobre a estrutura social brasileira e as desigualdades raciais, evidenciando como o racismo se manifesta nas instituições e nas relações sociais. Seu trabalho foi fundamental para trazer à luz as questões de classe e raça no país, desafiando ideias preconcebidas sobre a democracia racial brasileira, contribuindo ainda para que o negro brasileiro assumisse como bandeira política a luta contra a teoria da democracia racial.

Lélia Gonzalez também se destaca como uma das principais intelectuais na análise do racismo brasileiro. Como antropóloga e ativista, seu trabalho abordou as interseções entre gênero, raça e classe, contribuindo para uma compreensão mais ampla das experiências das mulheres negras na sociedade brasileira e para a construção de movimentos sociais antirracistas e feministas.

De acordo com artigo de Maeda (2020), Lélia é uma estudiosa negra que teve ampla participação em seminários e congressos fora do Brasil até a metade da década de 1980, conhecendo a diáspora africana no contexto de diversos países, resultando na criação da categoria político-cultural da “amefricanidade”. Lélia notou as experiências comuns de sofrimento e exploração dos negros nas Américas, mas que formavam identidades culturais e étnicas com raízes africanas, modificadas historicamente pela própria diáspora e pela colonização, revelando “a heroica resistência e a criatividade na luta contra a escravização, o extermínio, a exploração, a opressão e a humilhação” (Gonzalez, 2018 *apud* Maeda, 2020).

Mais recentemente, pesquisadores no Brasil, a exemplo de Kabengele Munanga e Jessé Souza, têm continuado o legado dos estudiosos acima referidos, investigando as persistentes desigualdades raciais no país e suas raízes históricas e estruturais. Seus trabalhos têm sido fundamentais para informar políticas públicas e ações afirmativas destinadas a combater o racismo e promover a igualdade racial no país.

De acordo com Silva *et al.* (2016, p.113), Kabengele Munanga foi o primeiro antropólogo de seu país, a República Democrática do Congo, trabalhando no Brasil desde 1980. Hoje “[...] é pesquisador sênior da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia [...] Sua experiência de pesquisa concentra-se na área de Antropologia das Populações Afrobrasileiras. [...] nos temas de racismo, identidade, identidade negra, África e Brasil”. Um dos artigos de sua autoria que mais se destaca tem o título “As facetas de um racismo silenciado” (Munanga, 1996).

No final da década de 1990, de acordo com a contribuição de muitos estudiosos e acadêmicos, aparece uma nova terminologia para a definição de mais de 55% do povo brasileiro de hoje: o **afrodescendente**, que abrange os pretos e pardos, denominados nas pesquisas estatísticas do IBGE (Gráfico 1, abaixo), na busca pela construção de uma nova identidade de afirmação positiva, com histórias e culturas tradicionalmente herdadas ou reconstruídas de uma

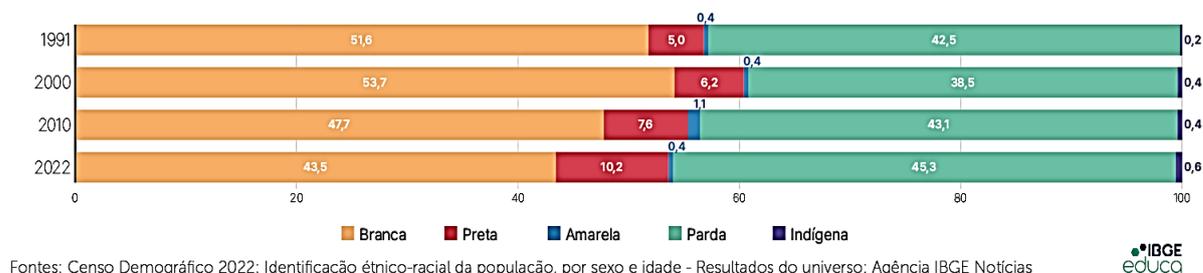
África ressignificada. Essa denominação representa ainda uma resposta às classificações ambíguas que tanto pesaram e pesam sobre os negros e seus descendentes, no Brasil.

Gráfico 1 – População Parda e Negra

Proporção da população residente no Brasil, por cor ou raça* (%)

De 1991 a 2022

*Informação fornecida por autodeclaração.



Fonte: IBGE (2022).

Outro movimento importante está na proposta de Ações Afirmativas, que serão abordadas no tópico a seguir.

2.3.5 Ações Afirmativas

As ações afirmativas no Brasil, segundo Costa e Oliveira (2016) têm sido uma resposta governamental e social para enfrentar as profundas desigualdades raciais que persistem no país. Inicialmente implementadas como políticas de cotas nas universidades públicas, essas medidas visam garantir o acesso equitativo à educação superior para estudantes negros e de baixa renda. As cotas raciais têm sido criticadas por alguns como sendo injustas ou geradoras de conflitos, mas muitos estudos têm demonstrado que elas têm sido eficazes em aumentar a representatividade de grupos historicamente marginalizados.

Além das cotas nas universidades, outras ações afirmativas foram adotadas em diversos setores, como no mercado de trabalho e na esfera pública. Programas de incentivo à contratação de profissionais negros, políticas de inclusão em concursos públicos e a reserva de vagas para negros em concursos para cargos públicos são exemplos de iniciativas que buscam reduzir as disparidades raciais no emprego e na representação política.

No entanto, as ações afirmativas no Brasil também enfrentam desafios significativos, incluindo resistência política, questionamentos legais e a necessidade de avaliação contínua de seus impactos. Além disso, há debates em andamento sobre a necessidade de políticas mais abrangentes e integradas que abordem não apenas a entrada, mas também a permanência e o sucesso dos estudantes e profissionais negros nos diferentes espaços sociais.

Apesar dos obstáculos, as ações afirmativas representam um passo importante na luta contra o racismo estrutural no Brasil, ao reconhecer e enfrentar as desigualdades históricas que afetam as comunidades negras e indígenas. Essas políticas desempenham um papel crucial na promoção da justiça social e na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, para contrabalançar o que diz Nunes (2006):

Apesar do discurso que nega ou ameniza a presença do preconceito e da discriminação racial no país, não é difícil ver manifestações de racismo no dia-a-dia da vida social brasileira. Ora ele é escancarado, como nos massacres frequentes, ora é silencioso, como no olhar policial que põe constantemente os negros sob suspeita. (Nunes, 2006, p. 96).

O combate ao racismo requer uma abordagem holística que contemple tanto suas manifestações individuais e institucionais, como suas raízes históricas e estruturais. Isso envolve não apenas desafios quanto a atitudes e comportamentos racistas, mas também a ruptura de sistemas e estruturas que perpetuam a desigualdade racial. Educação e conscientização são cruciais para promover a justiça racial e construir uma sociedade mais inclusiva e equitativa para todos.

Algumas leis têm sido fundamentais para ajudar no combate ao Racismo e como Ações Afirmativas, tais como: Lei nº 10.639, de 09/01/2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20/12/1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, a Lei nº 14.532, de 11/01/2023, que altera a Lei nº 7.716, de 05/01/1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 07/12/1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prevendo pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e pena para o racismo religioso e recreativo, bem como aquele praticado por funcionário público.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia da pesquisa com enfoque qualitativo, para este artigo, foram considerados os elementos da realidade material encontrada para o Projeto de Intervenção Pedagógica, como a ementa para o 4º bimestre, o mês e dia da Consciência Negra e o espaço físico da unidade escolar, que permitiram pensar a exposição do produto pedagógico final de tal forma que alcançou praticamente toda a comunidade escolar daquele educandário, tomando como base as premissas do Método em Marx, como segue:

O objeto da pesquisa [...] tem existência objetiva; não depende do sujeito, do pesquisador, para existir. O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável –, é apreender a *essência* (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. [...] **partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto.** Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou. O objeto da pesquisa tem, insista-se, uma existência objetiva, que independe da consciência do pesquisador (Paulo Netto, 2011, p. 22).

Em primeiro lugar, vislumbrou-se a realidade concreta, através da temática curricular que foi desenvolvida na sala de aula durante 06 (seis) encontros. O tema estabelecido para o 4º bimestre da 1ª série foi precisamente “Raça, Racismo e Etnia”, mas houve a opção por aprofundar os conceitos de raça e racismo através de debates, apresentação das teorias e definição de conceitos, exemplos da vida cotidiana e distribuição de resumos do encontro, figuras e textos entre os estudantes.

Em segundo lugar, outro dado concreto foi a proximidade do mês de novembro, com o Dia da Consciência Negra no dia 20 de referido mês, a partir do qual houve a possibilidade de se trabalhar mais detalhadamente a questão de raça/racismo em todas as suas vertentes, sejam sociológicas, científicas e/ou do cotidiano. Para alcançar o objetivo da intervenção pedagógica e chegar ao resultado pretendido, imprescindível se fez entrar com os chamados conhecimentos “clássicos”, os aspectos teóricos e científicos sobre a temática.

Por último, pela materialidade histórica, considerou-se que as escolas possuem áreas comuns, onde todos se encontram, seja o corpo discente, o corpo docente, o administrativo e de

outras atividades. Assim, a pesquisa se desenvolveu, também, a partir da realidade concreta do espaço existente, que favoreceu positivamente a busca de outro ambiente que não fosse somente a sala de aula, para apresentar o produto pedagógico projetado para toda a comunidade escolar.

Tomando esses dados como objeto de pesquisa, a partir da realidade concreta que se apresentou através da análise do que se mostrava empiricamente, foi implementada a sequência didática programada, para alcançar o objetivo de chegar à culminância do Estágio III com trabalho produzido pelos estudantes da 1ª série do Ensino Médio, capaz de alcançar toda (ou quase toda) a escola, dada a relevância da temática para a educação sociológica, inclusive em termos legais.

4 CONTEXTUALIZANDO A EEEFM MURILO BRAGA, SEU PPP E A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

4.1 A Escola objeto da intervenção pedagógica

4.1.1 Caracterização da EEEFM Murilo Braga

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Murilo Braga é uma instituição de ensino público regular com a razão social EEEFM MURILO BRAGA, situada à Rua Santa Filomena, s/nº, Bairro da Liberdade, na cidade de Campina Grande-PB, com CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) 01.418.648/0001-45, e vinculada à Secretaria de Estado da Educação. (PPP Murilo Braga, 2022, p. 3).

A escola foi fundada nos anos 1970 com o nome de Grupo Escolar Dr. Murilo Braga, que passou por alterações ao longo dos anos, como Escola Estadual de 1º Grau Murilo Braga, depois Escola Estadual de Ensino Fundamental Murilo Braga. Hoje, é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Murilo Braga.

4.1.2 Dados gerais

A unidade escolar funciona em prédio próprio do Estado, sendo uma das principais instituições de ensino público da região em que se localiza, absorvendo a demanda de discentes tanto para o Ensino Fundamental II, quanto para o Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Sua estrutura está bem conservada, mesmo sendo uma escola antiga, demandando apenas pequenas reformas. As salas comportam em média 40 alunos, limite máximo para se trabalhar, de acordo com determinações da 3ª Gerência Regional de Ensino da Paraíba. São 11 salas de aula, com 12 turmas do Ensino Fundamental II, matutino, vespertino e noturno (Fundamental II e EJA-Educação de Jovens e Adultos) e 14 turmas do Ensino Médio (matutino, vespertino e noturno) do Ensino Básico e da EJA (Educação de Jovens e Adultos), totalizando, em 2023, 770 estudantes, distribuídos no Ensino Fundamental II do 6º ao 9º ano, 1ª à 3ª série do Ensino Médio, e no III e IV Ciclos da EJA (Sousa, 2023).

4.1.3 Estrutura da Escola

A EEEFM Murilo Braga dispõe de uma biblioteca, um pátio que é utilizado como auditório para eventos da escola, uma sala de professores bem espaçosa, secretaria, sala da direção, coordenação pedagógica, laboratório de informática (inativado), um banheiro para professores e funcionários, uma cozinha e despensa para mantimentos de merenda, duas baterias com cinco banheiros masculinos e cinco femininos, totalizando uma área de 5.435,82 m² e área coberta de 1.638,23 m². Quanto aos equipamentos eletrônicos, a escola dispõe de um televisor em cada sala de aula, computadores e fotocopadora na secretaria. A escola é

organizada e limpa com o apoio dos funcionários de serviços gerais. Os lanches/merenda são servidos no pátio/auditório que fica em frente à cozinha da escola. A acessibilidade é adequada para todos os recintos da instituição.

4.1.4 O Projeto Político Pedagógico – PPP

O Projeto Pedagógico da Escola guarda conformidade com os dispositivos legais, normativos e técnicos para a Educação, principalmente quanto à tipologia em que está inserida, como Escola de Nível Fundamental, Médio e EJA, abordando aspectos como justificativa, filosofia, identificação, objetivos, metas, princípios norteadores (missão, valores e visão de futuro), finalidades e filosofia. Por último, registra a forma de como se desenvolveu o processo de construção do PPP.

Seu corpo administrativo e técnico, atualmente (Paraíba, 2022, p. 3) é formado por um gestor geral, um gestor adjunto, uma secretária geral, uma coordenadora pedagógica, o corpo docente, corpo discente, auxiliar administrativo, auxiliares de serviços gerais e porteiros.

A escola tem como missão formar cidadãos para atuar, na sociedade, competente e dignamente. Sua visão passa pelos eixos formativos aprender a conhecer, a ser, a fazer e a viver. (PPP Murilo Braga, 2022, p. 12-14).

Suas finalidades implicam ofertar aos discentes um modelo de educação que guarde conformidade com as leis e normas emanadas das Constituições Federal e Estadual, da LDB para a Educação Nacional e do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

A filosofia da Escola é o “próprio processo de educação e, em específico, a escola, é um dado cultural. É uma elaboração histórica dos homens”. (PPP Murilo Braga, 2022, p. 12-13). Acrescenta ainda que o estudante é o centro das atividades pedagógicas.

Como proposta para o ensino da Sociologia, o PPP registra que, com esse ensino, pretende-se que o estudante venha a refletir de forma crítica sobre os fenômenos sociais, e estabelece, como principal objetivo,

[...] problematizar o cotidiano do alunado, através das suas vastas teorias, fazendo com que ele observe de maneira crítica sua existência real em um mundo real, para que ele questione e relativize a aparente verdade dos valores e das representações, sejam elas no espaço político, moral, religioso e cultural. (PPP Murilo Braga, 2022, p. 41-42).

Quanto aos conteúdos de Sociologia direcionados para o Ensino Médio, o PPP estabelece uma série de temáticas, tais como “Perspectiva Sociológica”, “Natureza Humana e Conceito de Cultura”, “Cultura e Sociedade” (manifestações culturais de etnias, raças e segmentos sociais e direito à diversidade), “Desigualdade Social”, “Cidadania e Poder”, “Identidade e Cidadania”, “Cidadania e Democracia”, “Sociologia e Trabalho” e “Transformações no Mundo do Trabalho”.

4.2 O Projeto de Intervenção Pedagógica

O projeto de Intervenção Pedagógica (Sousa, 2023) se baseou na sequência pedagógica elaborada como caminho para o debate interativo com os estudantes das primeiras séries A e B, turno matutino, do Ensino Médio da EEEFM Murilo Braga, através do componente curricular Sociologia. Tal projeto abordou a questão das diversas formas de preconceito que levam à discriminação, à segregação e ao racismo, especialmente o preconceito racial e o processo de construção sócio-histórico deste fenômeno no Brasil e no Mundo. Para isso, fez-se necessária a discussão dos conceitos sociológicos e teorias científicas que fundamentam a teoria de Raça em suas diversas formas, além de apresentar os conceitos de Raça, Etnia, Multiculturalismo,

Preconceito, Discriminação e Segregação (Raça, Racismo e Etnia em seus aspectos socioantropológicos), além de Multiculturalismo, Interculturalismo e Ação Afirmativa, do programa de Sociologia para a 1ª Série do Ensino Médio (Paraíba, 2023).

4.2.1 Objetivos Geral e Específicos

O objetivo geral definido pelo projeto foi “apresentar, através de várias fontes, as diversas formas de preconceito, discriminação, segregação e racismo, fundamentadas em princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, aproximando os educandos de vários conceitos sociológicos que envolvem a temática”. Buscando alcançar esse objetivo principal, o projeto previu as ações abaixo:

- Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores e condutas, desnaturalizando e problematizando formas de preconceito, intolerância, discriminação e segregação;
- Introduzir os conceitos de Raça, Racismo e Etnia, mostrando que o fenômeno do preconceito racial está muito mais próximo do cotidiano do que se pensa, refletindo sobre o fato de que a sociedade brasileira ainda é muito racista, de forma naturalizada;
- Identificar diversas formas de violência por discriminação racial, suas principais vítimas, suas causas sociais, usos políticos e culturais, acrescentando os conceitos/teorias inerentes a cada período histórico, como Raça, Eugenia, Democracia Racial e Racismo Velado;
- Discutir e avaliar mecanismos para combate ao preconceito, discriminações e racismo, que promovam o respeito às diferenças e às liberdades individuais, com base em argumentos éticos e em princípios dos Direitos Humanos, do Multiculturalismo e Interculturalidade.

4.2.2 Justificativa

A intervenção pedagógica justificou-se pelo debate com os estudantes da primeira série do Ensino Médio dos temas previstos para o 4º bimestre do ano letivo de 2023, buscando proporcionar um conhecimento mais aprofundado sobre conceitos sociológicos como preconceito e discriminação etnicorracial, que são causas de conflitos sociais construídos historicamente através de relações de dominação. Para chegar a esse conhecimento pretendido, foi importante discutir de forma crítica todas as formas de preconceito e discriminação, especialmente o racismo, resultantes das relações e práticas sociais que, mesmo oriundas de processos socialmente constituídos no decorrer da história, ainda representam um grande desafio na contemporaneidade.

A transposição didática das ações foram projetadas para desenvolvimento em 07 (sete) encontros semanais, reduzidos para 06 (seis) por conveniência da escola, em que se incentivou os estudantes a refletirem sobre a temática em grupos, após sensibilização sobre o tema, buscando despertar seu interesse pelo assunto. Ao final de cada aula, foram disponibilizados para os estudantes pequeno resumo do tema do encontro, considerando que a escola não distribui livros de Sociologia, embora utilize como exemplar do professor o livro “Sociologia em Movimento” (Silva *et al.*, 2016).

4.2.3 Encontros semanais (Sequência Didática)

Tomando por base os objetivos geral e específicos do Projeto de Intervenção, foram realizados 06 (seis) encontros, em decorrência das condições materiais da escola, conforme descreve-se abaixo:

- Encontro I: Preconceito, Discriminação e Segregação – Apresentação dos conceitos sociológicos.
- Encontro II: Preconceito, Discriminação e Segregação (continuidade), com análise e discussão dos textos e pesquisas realizados a partir da aula anterior.
- Encontro III: Raça, Racismo e Etnia – Apresentação dos conceitos socioantropológicos;
- Semana IV – Raça, Racismo e Etnia – Conceitos socioantropológicos (continuidade).
- Semana V – Raça, Eugenia, Democracia Racial e Racismo Velado – Apresentação dos conceitos, inclusive a epistemologia correspondente e seus principais teóricos.
- Semana VI – Multiculturalismo, Interculturalismo e Ação Afirmativa – Apresentação das leis sobre o Racismo, Ações Afirmativas e oposição dos cartazes alusivos ao Dia da Consciência Negra.

4.2.4 Resultado dos encontros semanais (Estágio Supervisionado III)

No Encontro I, realizado em 04/10/2023 (encontros nas 1^{as} séries A e B), cada um de 45 minutos, foram debatidos os subtemas “Preconceito”, “Discriminação” e “Segregação”, com apresentação dos conceitos sociológicos, para atender ao objetivo de “analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores e condutas, desnaturalizando e problematizando formas de preconceito, intolerância, discriminação e segregação” (Sousa, 2023).

Os estudantes foram provocados sobre as seguintes questões: “por que o racismo persiste no Brasil e como combatê-lo?”. E “quanto às outras formas de discriminação?”. Optaram por ficar calados. Foi explicado sobre o tema daquela aula através do quadro branco (mapa mental), e oralmente (preconceito, discriminação, segregação e intolerâncias), e o que eles iriam fazer a partir dos conceitos transmitidos, ou seja, um jornalzinho artesanal a ser entregue na aula de 25/10/2023.

A turma foi dividida em cinco grupos e aqueles estudantes que faltaram foram se encaixando posteriormente nos grupos já formados. Demonstrou-se uma certa dúvida para essa formação, mas ela foi necessária no sentido de estimular a sociabilidade para a pesquisa e criatividade conjunta. No final da aula, foram distribuídas folhas de papel A-4, figuras impressas sobre as várias formas de discriminação e preconceito para subsidiar o trabalho solicitado, em que poderiam usar as figuras ou desenvolver trabalho livre, dentro das temáticas.

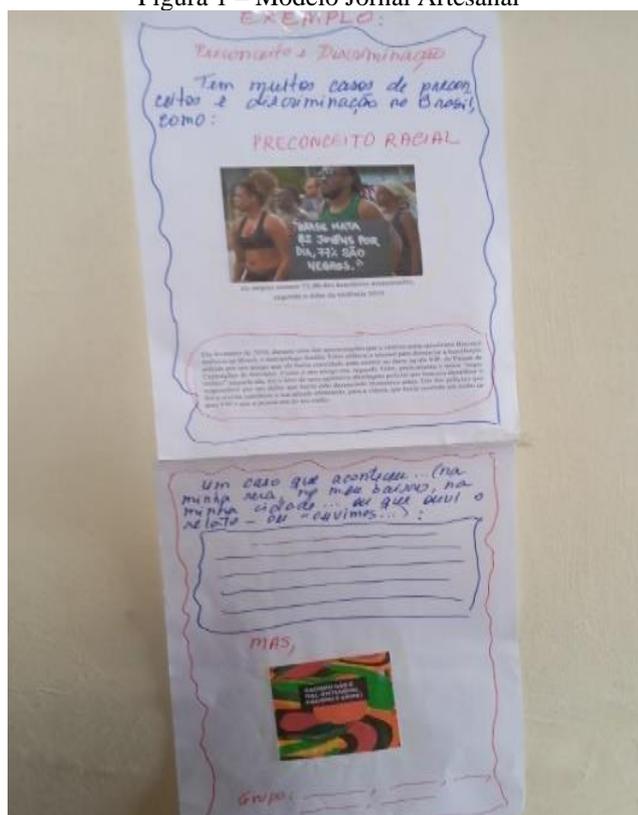
Por problemas técnicos, a TV digital não foi usada e os vídeos previstos na Sequência Didática foram transmitidos através do celular, juntando a turma, porque a frequência diária era muito pequena (cerca de 12 a 15 alunos). Prevendo algum problema, as figuras foram impressas e distribuídas para cada grupo formado.

Como atividade de casa, solicitou-se pesquisa sobre quaisquer dos preconceitos abordados – casos da vida cotidiana: homofobia, racismo, xenofobia etc., para inclusão no jornalzinho e debate em sala na próxima aula.

No Encontro II, ocorrido em 18/10/2023 (encontros nas 1^{as} série A e B), houve a continuação da aula anterior sobre “Preconceito, Discriminação e Segregação”, com esclarecimento de dúvidas e incentivo para que os estudantes falassem dos casos de preconceito e discriminação pesquisados. Um deles abordou o preconceito racial no futebol, porque seu grupo trabalhou a respeito e a turma foi incentivada a expressar se havia ou se presenciaram algum comportamento similar na escola para providências cabíveis.

Foi apostado no quadro um rascunho modelo (Figura 1), para melhor orientar cada grupo na confecção dos seus próprios jornaizinhos, e analisados os textos já iniciados pelos estudantes. Nessa aula, comentou-se sobre o material pesquisado por eles, propondo um debate sobre como a vítima dos casos citados deveria proceder diante de tais ofensas.

Figura 1 – Modelo Jornal Artesanal



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Introduziu-se também, de forma mais específica, o fenômeno do preconceito racial no país e foram entregues cópias das leis debatidas em aula, perguntando se havia necessidade de novas leis para reduzir esse problema. Responderam que sim e foram realizados debates, enfatizando a forma local e a global do preconceito, para que o estudante percebesse que o ato de chamar alguém de “macaco” no campo de futebol deve ser abominado também na sala de aula ou na escola. Os estudantes apresentaram a evolução dos jornaizinhos e alguns compartilharam com a turma os casos da vida real de cada tipo de preconceito pesquisado ou observado no dia a dia.

No final da aula da 1ª Série B, a professora titular alertou sobre a redução de turmas para o Estágio em curso, ficando apenas uma turma de 1ª série (A), o que foi aceito, contanto que o mínimo de encontros fosse atendido.

Em relação ao Encontro III, de 25/10/2023, somente na 1ª série A, os temas considerados principais pela autora deste artigo, “Raça e Racismo” acrescidos de “Etnia”, foram apresentados e debatidos em seus significados socioantropológicos com o seguinte objetivo “introduzir os conceitos acima, mostrando que o fenômeno do preconceito racial está muito mais próximo do cotidiano do que se pensa, refletindo sobre o fato de que a sociedade brasileira ainda é muito racista, de forma naturalizada” (Sousa, 2023).

A aula foi iniciada provocando os estudantes com a pergunta “no Brasil, há racismo? Todos levantaram as mãos. Em seguida, foi perguntado: quem de vocês se considera racista? Ninguém ergueu as mãos. As respostas foram anotadas no quadro para reflexão e feita outra provocação “existe racismo sem racista?”. Distribuindo uma folha impressa com a frase: “Brasil, país com racismo, mas sem racista”, e repassando um pequeno texto para os estudantes: “Como explicar que 90% da população diz existir racismo e, no entanto, apenas 19% manifestam preconceito? [...] 19% manifestam preconceito racial claro e apenas 4% se assumem preconceituosos”, referente à pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, demonstrando

que grande parte dos brasileiros admite haver racismo no país, mas apenas 4% da população se considera racista. Esse pequeno texto iniciou um processo reflexivo entre os estudantes, com debate a respeito, objetivando chegar a um movimento de “desnaturalização” que resultasse em posturas menos preconceituosas.

Após a transmissão dos conceitos sociológicos acima, houve entrega aos estudantes de pequeno resumo sobre a temática do dia e iniciada a montagem dos cartazes (trabalho final) para exposição na escola, sobre o “Dia da Consciência Negra”, em 20/11/2023.

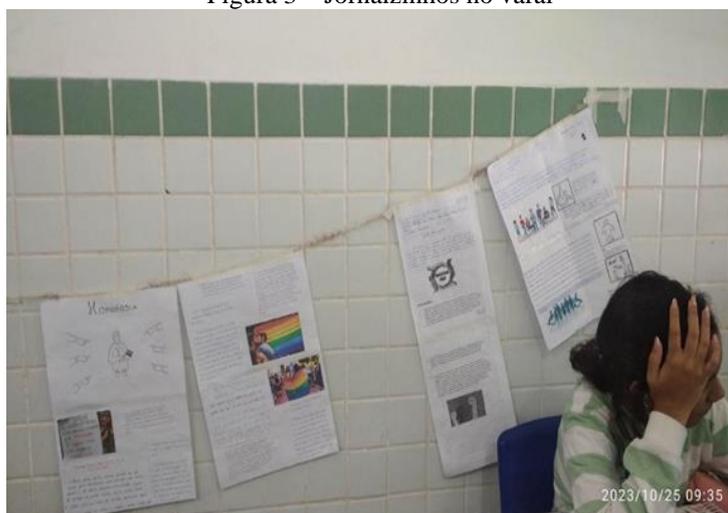
A avaliação do encontro se fez com o recebimento dos jornaizinhos artesanais sobre as duas primeiras aulas da temática, que foram colados em varal suspenso, conforme Figuras 2 e 3, abaixo:

Figura 2 – Aposição dos jornais



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Figura 3 – Jornaizinhos no varal



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

No final do terceiro encontro, a professora titular avisou que a escola iniciaria o período de provas a partir do dia 20/11 e a temática do bimestre deveria se completar até o dia

22/11/2023, data da avaliação de Sociologia, que iria ocorrer em horário diferente do horário da aula, recomendando que, além da conclusão dos cartazes iniciados, em substituição aos resumos, fosse elaborada uma atividade para casa com 10 (dez) questões objetivas sobre todos os assuntos do bimestre, entregue aos estudantes na aula do dia 08/11.

No Encontro IV, ocorrido em 01/11/2023, abordou-se os conceitos de “Raça”, “Eugenia”, “Democracia Racial” e “Racismo Velado” com o objetivo de “identificar diversas formas de violência por discriminação racial, suas principais vítimas, suas causas sociais, usos políticos e culturais, acrescentando os conceitos/teorias inerentes a cada período histórico” (Sousa, 2023).

De forma oral e através do quadro branco/pincel, foram explicadas as concepções de Raça e Eugenia, enfatizando seu significado e principais teóricos defensores, acrescentando a ideia de “branqueamento” e reiterando o aspecto antropológico desses conceitos (o conceito de Democracia Racial, o autor desse “mito” Gilberto Freyre e o que significou esse entendimento das relações sociais do povo brasileiro). Outros termos mais recentes foram explicados com exemplos, como o “Racismo Velado” e o “Racismo Estrutural” e, no final, foram apresentados vídeos pelo celular sobre os efeitos danosos do Racismo Estrutural.

Foram passadas ao grupo figuras com base no Livro “Sociologia para Jovens do Século XXI” (Ensino Médio) (Costa; Oliveira, 2018), conforme descrição a seguir: situações enquadradas em capítulo do referido livro intitulado “Onde você guarda o seu racismo?”, como as frases de pessoas negras ou não, tipo “ela só tinha três anos e disse que: minha mãe detesta pretos e eu também”, ou “eu evito ir ao shopping de terno preto porque logo posso ser confundido com um segurança”, e ainda “eu e meu ex-marido, que é branco, estávamos num ônibus quando os policiais de uma blitz entraram. Fui a única a ser revista”, numa tentativa de desnaturalizar essas ocorrências, reforçando ainda que ninguém nasce racista, o que impactou muito os estudantes.

A avaliação foi realizada pelo acompanhamento da confecção dos cartazes em cartolina, para exposição na escola no final da intervenção pedagógica.

No Encontro V, em 08/11/2023, transmitiu-se de forma rápida os conceitos de “Multiculturalismo”, “Interculturalismo” e “Ação Afirmativa”, objetivando “discutir e avaliar mecanismos para combate ao preconceito, discriminações e racismo, que promovessem o respeito às diferenças e às liberdades individuais, com base em argumentos éticos e em princípios dos Direitos Humanos, Multiculturalismo e Interculturalidade” (Sousa, 2023).

A conversa com os estudantes envolveu o uso do quadro branco e pincel, sobre os temas do dia, debatendo sobre as diversas formas de interpretação do Multiculturalismo, sobre as alterações que acontecem ou podem ocorrer através do Interculturalismo, terminando com as Ações Afirmativas já existentes e outras futuras em termos de Brasil, solicitando da turma ideias a respeito. Questionados sobre a Lei de Cotas e outros instrumentos de ações afirmativas, todos concordaram que ainda há muito a fazer.

Houve a entrega da atividade com dez questões objetivas, de acordo com a instrução da preceptora, e acompanhamento da confecção dos cartazes em cartolina para entrega e exposição no pátio da escola na aula seguinte, em 22/11/2023.

O último encontro, o VI, ocorrido em 22/11/2023, teve como marco a conclusão dos cartazes sobre Racismo e Consciência Negra, encerrando assim as atividades da Intervenção Pedagógica, mediante apresentação e aposição dos cartazes no pátio da escola, porque lá houve a oportunidade de observação por toda a comunidade escolar.

Anteriormente, em sala de aula, os estudantes foram informados sobre a origem da data do dia da consciência negra como compromisso de enfrentamento ao racismo, a exemplo de Zumbi dos Palmares, que lutou até a morte pelo fim da escravização. A data representa o dia da morte de Zumbi. Logo depois, os estudantes foram encaminhados ao pátio da escola, um

local visto por todos diariamente, para colagem e exposição de seus trabalhos, elaborados a partir do que vivenciaram em aula.

Figura 4 – Produto final no pátio



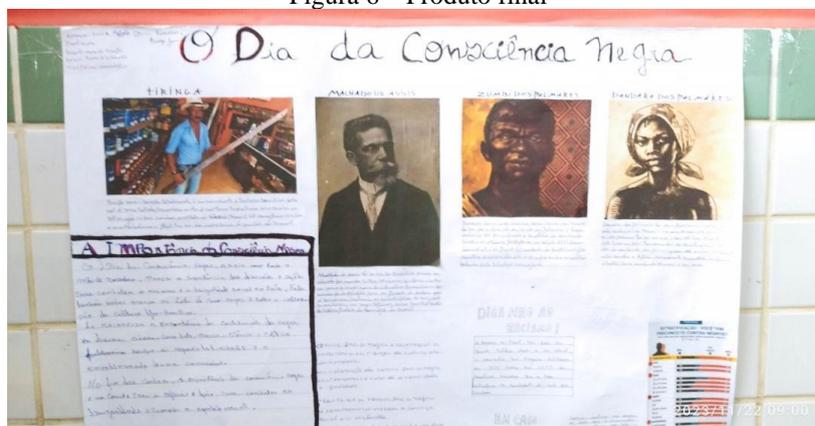
Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Figura 5 – Produto final no pátio



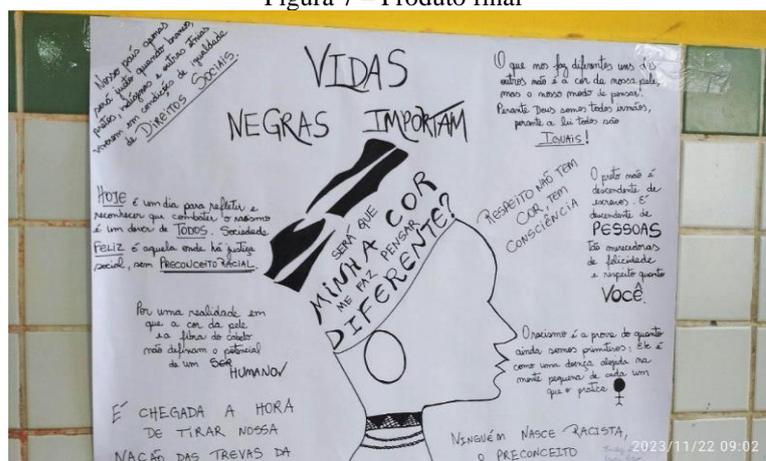
Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Figura 6 – Produto final



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

Figura 7 – Produto final



Fonte: Registro da pesquisadora (2023).

O referido produto da prática pedagógica, os cartazes sobre Racismo e Dia da Consciência Negra elaborados pelos cinco grupos de estudantes ficaram muito significativos, tendo sido colados no pátio e o ato foi fotografado. Em cada trabalho dos grupos (Figuras 4, 5, 6 e 7) estava impresso o entendimento do que vivenciaram em sala de aula, apresentando figuras negras ancestrais históricas como na Figura 6 (Zumbi dos Palmares, o escritor Machado de Assis, dentre outros), símbolos das lutas antirracismo (Figura 4), frases e textos sobre diversos aspectos como o preconceito, o antirracismo e a importância do Dia da Consciência Negra (Figuras 4, 5, 6 e 7), a exemplo de “vidas negras importam”, “será que minha cor me faz pensar diferente?”, ou “ninguém nasce racista”, dentre outras. Essa última frase foi uma das que mais chamou atenção dos estudantes, ao refletirem sobre a forma como alguém se torna racista ou antirracista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta os aspectos abordados no presente artigo sobre uma experiência na aplicação de Projeto de Intervenção Pedagógica para o curso de Sociologia, junto à EEEFM Murilo Braga, uma escola de ensino regular da cidade de Campina Grande, no período de outubro a novembro de 2023, é importante fazer algumas considerações.

O objeto de pesquisa foi o Projeto de Intervenção Pedagógica, com tema “Raça, Racismo e Etnia”, aplicado junto à 1ª série do Ensino Médio da EEEFM Murilo Braga, de modelo regular, localizada em Campina Grande – PB, como etapa da prática do Estágio Supervisionado, no caso o Estágio III do curso de Licenciatura em Sociologia.

O objetivo principal da realização deste trabalho foi identificar as estratégias que foram utilizadas para atingir o que se pretendia com a Intervenção Pedagógica, no sentido de alcançar toda a comunidade escolar e demonstrar que as experiências vividas na aplicação de um Projeto de Intervenção dessa categoria podem se transformar em fonte de pesquisa, através da qual se ativam processos mediados por dados concretos, observada a realidade objetiva e evidenciando que a pesquisa do tipo intervenção permite que o real possa ser compreendido mediante uso de categorias de análise abstratas, partindo de dados empíricos e alcançando a realidade factual de forma refletida.

Este artigo é relevante porque trata da vivência de uma Intervenção Pedagógica sobre um tema muito importante para o ensino de Sociologia – Raça e Racismo, permitindo que os estudantes compreendessem melhor a complexidade das relações raciais e a história do racismo, tanto em âmbito global, como especificamente no Brasil. Ao estudar os diferentes aspectos do racismo, incluindo as origens históricas, manifestações contemporâneas e os movimentos de

resistência, eles puderam desenvolver uma compreensão mais profunda das desigualdades sociais e das injustiças que afetam diversos grupos e comunidades, aprendendo ainda sobre a importância da diversidade e o impacto negativo do preconceito e da discriminação, desenvolvendo empatia e respeito pelos outros, justificando-se falar dessa experiência.

A metodologia utilizada para implementação do projeto e realização deste artigo, passou por uma revisão da literatura pertinente, ao se relacionar formação e práticas inerentes à pedagogia histórico-crítica sob o prisma do materialismo histórico-dialético. Destacaram-se as discussões precedidas pelos conhecimentos materiais e simbólicos das diversas formas com que o racismo se apresenta e seguidos por ações inerentes à formação dos estudantes em relação ao tema, além de práticas pedagógicas adequadas a uma sala de aula com poucos recursos.

Materialmente, a pesquisa começou nos primeiros contatos com a unidade escolar sobre a realização do Estágio III, no segundo semestre de 2023, para realizar uma intervenção pedagógica que abrangesse toda a escola, mas foram encontrados alguns entraves que mostraram a impossibilidade de tal ação, pela dificuldade de adequação de horários com outros componentes curriculares.

As principais contribuições que deram origem ao presente artigo se manifestaram inicialmente pela determinação da professora de Sociologia para que o Estágio III fosse feito no 4º bimestre, a partir da regência de uma sala de aula da 1ª série do Ensino Médio. Nessa turma, o trabalho se realizou através do programa estabelecido para as primeiras séries, referentes ao 4º bimestre e em acordo com a gestão da escola, mediante regência de sala de aula no mesmo formato do Estágio II.

A metodologia da pesquisa se deu a partir da junção de alguns dados concretos que contribuíram para a realização da intervenção programada, tais como a temática para o 4º bimestre, o Dia da Consciência Negra em novembro de 2023 e o espaço físico da própria Escola. O tema para o 4º bimestre envolveu os conceitos de Raça, Racismo e Etnia e, partindo desse conteúdo, a Sequência Didática foi estruturada considerando 06 (seis) encontros, com a apresentação de um produto final elaborado pelos estudantes da 1ª série, no último encontro, que seriam expostos, a princípio, em sala de aula.

Outra contribuição importante foi a proximidade do mês de novembro, com a data de 20 de novembro representando o Dia da Consciência Negra, motivo pelo qual houve a possibilidade de se trabalhar com mais profundidade a questão de Raça e Racismo em suas vertentes sociológicas, científicas e cotidianas, através da epistemologia existente sobre o tema e das situações decorrentes das relações sociais do dia a dia, todos debatidos com os estudantes.

A terceira contribuição se deu pela constatação de que a área mais acessível à comunidade escolar inteira era um pátio que faz parte da estrutura física, utilizado como auditório para eventos diversos, além de local de refeições para os estudantes dos horários matutino, vespertino e noturno. Com o estágio em andamento, foi solicitada a autorização para utilizar o referido espaço físico para exposição dos trabalhos.

A pedagogia histórico-crítica foi de extrema importância porque constituiu recurso de busca dos métodos mais apropriados para se alcançar o objetivo de desenvolver o trabalho pedagógico pela organização de meios, conteúdos, espaço, tempo, procedimentos, técnicas, através dos quais cada indivíduo pudesse assimilar a humanidade historicamente construída.

A temática abordada foi bastante motivadora, possibilitando o encaixe de algumas atividades dentro do conceito de “metodologia ativa”, durante o período de estágio. O tema Raça e Racismo é importante para todos na escola, e compõe uma parte do conteúdo para a 1ª série do Ensino Médio.

Os resultados alcançados demonstraram, através das tarefas realizadas, que o tema e práticas antirracistas foram apreendidos pelos estudantes daquela série e os trabalhos em forma de cartazes sobre Antirracismo e Consciência Negra foram expostos para toda a escola,

tornando-se relevante destacar que uma Intervenção Pedagógica pode ser um objeto de pesquisa adequado para trabalhos de conclusão de curso.

Tudo isso demonstrou que a estratégia utilizada foi importante para atingir os fins pretendidos, sendo fundamental que essa abordagem seja ampliada e aprofundada, garantindo que a escola cumpra seu papel emancipador e promova a verdadeira inclusão social.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848**, de 07 de dezembro de 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 25 maio 2024.
- BRASIL. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 14.532**, de 11 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14532.htm#art1. Acesso em: 25 maio 2024.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 25 maio 2024.
- COSTA, Ricardo Cesar Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de Oliveira. **Sociologia para Jovens do Século XXI**: manual do professor. 4. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.
- DAMIANI, Magda Floriana *et al.* Discutindo Pesquisas do Tipo Intervenção Pedagógica. Cadernos de Educação. **FaE/PPGE/UFPEL**, Pelotas, p. 61-62, 2013. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/5816/Discutindo_pesquisas_do_tipo_intervencao_pedagogica.pdf;jsessionid=45195D34C3040D01AEEECFE99A5F8782?sequence=1. Acesso em: 01 maio 2024.
- IBGE. **Educa-Jovens**. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil: gráficos. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>. Acesso em: 25 maio 2024.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel (Orgs.) **Estereótipos, Preconceitos e Discriminação**: perspectivas teóricas e metodológicas (Livro Digital). Salvador: Editora UFBA – EDUFBA, 2004. *E-book*.
- LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poésis**, v.3, n^{os}. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.
- MAEDA, Patrícia. **O Racismo Brasileiro na Obra de Lélia Gonzalez**. 2020. Disponível em: https://www.anamatra.org.br/images/ComissaoMulheres/Documentos/O_racismo_brasileiro_na_obra_de_L%C3%A9lia_Gonzalez_-_Patricia_Maeda.pdf. Acesso em: 25 maio 2024.
- MARQUES JÚNIOR, Joilson Santana. Racismo no Brasil e Racismo à Brasileira: traços originários. **O Social em Questão**, n. 50, p. 71 -81, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/52260/52260.PDF>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política** (vols. 1 e 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. *E-book*.

MUNANGA, Kabengele. **Facetas de um racismo silenciado**. Raça e Diversidade. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_FacetasDeUmRacismoSilenciado.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Centro de Estudos Africanos da USP, 2018. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf. Acesso em: 19 abr. 2024.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, Taboão da Serra, v.17, n.1, p.89-98, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYSBTnTGhvmj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

PARAÍBA. **Proposta Curricular 2023**. 3ª Gerência Regional de Ensino. Campina Grande: SEEC, 2023.

PARAÍBA. **Projeto Político Pedagógico**. EEEFM Murilo Braga. Campina Grande: SEEC, 2022.

PAULO NETTO, José. **Introdução aos Estudos do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. *E-book*.

REIS, Gilmar de Paiva; REIS, Thamires de Paiva. Metodologias Ativas: recurso de aprendizagem significativa. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 12, n. 01, p. 47-62, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Teoria Histórico-Crítica**. 11.ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011. *E-book*.

SILVA, Afrânio *et al.* **Sociologia em Movimento: manual do professor**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

SOUSA, Maria Alice Carvalho de. **Relatório de Estágio Supervisionado II**. Campina Grande: UEPB, 2023.

SOUSA, Maria Alice Carvalho de. **Relatório de Estágio Supervisionado III**. Campina Grande: UEPB, 2023.

VIEIRA, Patrícia (Org). **Metodologias Ativas: modismo ou inovação?** Quirinópolis: Editora IGM, 2021. *E-book*.

VILAR, Leandro. **Racismo Científico: da teoria à prática**. 2015. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/VILAR__Leandro._O_racismo_cient%C3%Adfco_da_teor%C3%A1tica%281%29.pdf?1599239837. Acesso em: 20 abr. 2024.